

# **A VOZ FEMININA E MOÇAMBICANA DE PAULINA CHIZIANE, A PARTIR DO ESTUDO DA OBRA “NIKETCHE – UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA”.**

**Renato Leonardo da Silva<sup>1</sup>**

**Eliane Gonçalves Costa<sup>2</sup>**

## **RESUMO**

Na sociedade moçambicana em que o universo feminino é reprimido por uma cultura regida sob a perspectiva da masculinidade, a natureza feminina tomou posturas masculinas. Consequentemente na literatura, as escritoras tinham tendência em contar histórias de mulheres com a linguagem dos homens. Com base nessa problemática submergimos na obra de Paulina Chiziane, com o objetivo de analisar e compreender o universo feminino diante do patriarcado, partindo da obra “Niketche – uma história de poligamia”. Narrativa que traz em seus desdobramentos a reflexão acerca do ser mulher negra e moçambicana. Diante disso, foi possível traçarmos os desafios e resistências da literatura feminina num ambiente dominado por homens, analisarmos as posições sociais, bem como a formação de consciência e a importância dessa narrativa para a valorização da mulher em Moçambique. Isso nos proporcionou entender um núcleo social complexo, partindo de Paulina Chiziane, sobre outras mulheres, a fim de promover a reflexão para fora dos campos literários vislumbrando a constituição de uma nação menos desigual. Desse modo, podemos sugerir serem os escritos de Chiziane, mais que obras da literatura moçambicana, são relatos vivos para que o universo feminino não seja negligenciado, e sirvam de exemplo para à valorização da feminidade.

**Palavras-chave:** Sociedade moçambicana. Paulina Chiziane. Literatura feminina.

## **ABSTRACT**

In the Mozambican society in which the female universe is repressed by a culture ruled from the perspective of masculinity, the feminine nature has taken masculine postures. Consequently in literature, female writers tended to tell women's stories in the language of men. Based on this problem, we submerged in the work of Paulina Chiziane, with the objective of analyzing and understanding the female universe in the face of patriarchy, starting from the work “Niketche – uma História de Poligamia”. Narrative that brings in its unfolding the reflection about being a black and Mozambican woman. In view of this, it was possible to trace the challenges and resistance of women's literature in an environment dominated by men, analyze social positions, as well as the formation of conscience and the importance of this narrative for the appreciation of women in Mozambique. This allowed us to understand a complex social nucleus, starting from Paulina Chiziane, about other women, in order to promote reflection outside the literary fields, envisioning the constitution of a less unequal nation. In this way, we can suggest that Chiziane's writings, more than works of Mozambican literature, are living reports so that the female universe is not neglected, and serve as an example for a valorization of femininity.

**Keywords:** Mozambican society. Paulina Chiziane. Women's Literature.

---

<sup>1</sup> Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA.

<sup>2</sup> Doutora em Letras pela UNESP – São José do Rio Preto – SP, com Pós-Doutorado em Ensino na Educação Básica pela Universidade Federal do Espírito Santo (PPGEEB/UFES). Atua nas áreas de Ensino e Letras com ênfase nas seguintes áreas: Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, Literatura e Gênero, Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER), Formação de Professores de Língua Portuguesa. Atualmente é professora adjunta na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) - Campus dos Malês / Bahia. E-mail: elianecoordena@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

Na tradicional sociedade moçambicana até meados dos anos 90, o universo feminino não encontrava espaço em meio a cultura predominantemente patriarcal de Moçambique. Em decorrência do costume em manter as tradições locais sob a perspectiva da masculinidade, a natureza feminina tomou posturas masculinas, pois na ausência dos homens, eram as mulheres quem preparavam os filhos para o futuro com base em ensinamentos de raízes machistas. Mesmo na literatura, as escritoras tinham tendência em contar histórias de mulheres com a linguagem dos homens.

Diante dessa realidade, submergimos na literatura de Paulina Chiziane através dessa pesquisa bibliográfica e qualitativa, com o objetivo de analisar e compreender o universo feminino em uma sociedade regida pelo patriarcado a partir da obra “Niketche – uma história de poligamia”. Acima de tudo, parte de uma inquietação em busca de compreender a figura da mulher moçambicana.

No romance, a trajetória da personagem principal vai de encontro a tantas outras mulheres a sua volta e inicia-se num conflito causado por seu filho Betinho, ocasião em que surge em Ramir inúmeros questionamentos, dentre eles sobre a falta de confiabilidade na mulher em resolver quaisquer problemas. E em meio a esse fluxo de pensamentos decorridos da ausência de Tony seu esposo, a jovem se submete a empreender uma busca para encontrá-lo e nessa trajetória depara-se com outras jovens, supostas amantes, são elas: Julieta, Luiza, Saly e Mauá. A princípio tumultos são desencadeados em cada encontro entre Ramir e as outras, mas logo se firmaria uma parceria rumo ao empoderamento feminino, tornando-as independentes daquele homem que se julgara o centro das relações.

Em seu trabalho como escritora Paulina Chiziane descreve mulheres e seus sonhos, realidades, alegrias e tristezas, tendo como inspiração, sua própria trajetória de vida. Ousada, rompeu os laços patriarcais com sua forma independente de escrever dando voz ao silenciado e negligenciado universo feminino, pois seus romances são capazes de narrar sentimentos através da ficção, sem que percam ou tenham perdido a essência da realidade. Sua obra de maior expressão “Niketche – uma história de poligamia” traz exatamente a reflexão acerca do ser mulher negra e moçambicana, através dos desdobramentos narrados.

## OS DESAFIOS E RESISTÊNCIAS DA LITERATURA FEMININA NUMA ATMOSFERA MASCULINA

A literatura nos países africanos de língua oficial portuguesa surge como campo de redescoberta e ressignificação da identidade africana, num período da história que eclodem os sentimentos de liberdade e lutas pró-independência. Embora tenham carregado em sua trajetória o <sup>3</sup>assimilacionismo europeu e seus cânones literários, somente a partir do século XX, veríamos expressada através de poesias e outras narrativas a genuína africanidade.

Em Moçambique essa literatura de valorização do patrimônio histórico e cultural da mulher e homem moçambicano teve em grande maioria autores homens, enquanto as poucas autoras mulheres precisariam conquistar esse espaço visto às características patriarcais que por ali dominavam.

Fugindo a regra, Paulina Chiziane conquistou um espaço que jamais pensara ser seu, um lugar tomado pelo sentimento de pertencimento ao mesmo tempo de dúvidas, um ambiente masculino e antidemocrático mesmo numa luta a favor da liberdade e independência moçambicana. Sobre tornar-se uma grande escritora da língua portuguesa, Paulina afirma ser algo que não saberia responder. Apenas garantir que a escrita a escolheu, na mesma medida que a natureza a fez mulher. E reafirma sua vivência, fator colaborativo na condução do seu caminho. (CHIZIANE, 2013, p. 2001).

A literatura feminina precisou conviver com a desconfiança, porém permaneceu firme no propósito de dar voz ao universo da mulher numa expectativa de liberdade. Nessa perspectiva Paulina Chiziane nos diz:

Comparo a mulher à terra porque lá é o centro da vida. Da mulher emana a força mágica da criação. Ela é abrigo no período da gestação. É alimento no princípio de todas as vidas. Ela é prazer, calor, conforto de todos os seres humanos na superfície da terra. (CHIZIANE, 2013, p. 199).

---

<sup>3</sup> Influência cultural européia em detrimento a cultura local, ou seja, a imposição do eurocentrismo com a finalidade de se firmar superior e único.

É na figura dessa mulher, princípio de todas as vidas, a base que sustenta a literatura feminina de Chiziane. Literatura que foi e é capaz de ser crítica aos costumes locais estruturados no patriarcado e interromper a predominância masculina no campo da escrita.

## **A CONDIÇÃO DA MULHER NEGRA MOÇAMBICANA SEGUNDO A OBRA “NIKETCHE – UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA”**

Enganam-se quem pensa o continente africano como terras vazias de histórias, culturas civilizações e tradições. Equivocam-se quem apenas lê a África a partir de princípios patriarcais. Talvez, anos de exploração ocidental tenham ofuscado a visão de muitos estudiosos a fora, o fato de haver antes mesmo da chegada dos europeus, muitas sociedades matriarcais organizadas politicamente tendo a frente lideranças femininas.

Longe de um ambiente matriarcal, nasceu Paulina Chiziane, em 4 de junho de 1955, em Manjacazé, província de Gaza, e desde então presenciou as mais insólitas experiências governistas, a exemplo do colonialismo, passando pela independência, guerra civil, até alcançar os tempos do período democrático. A respeito de Paulina, Eliane Gonçalves Costa nos diz:

Sua história pessoal traz as marcas de um mosaico de culturas histórico-físico-culturais, sua escrita é desenhada por esses traços. Na sua literatura, encontra-se mais que um olhar comprometido com o presente; observa-se também uma ampla reflexão acerca da relação entre tradição e a contemporaneidade, salientando o papel da mulher na construção das identidades de Moçambique contemporaneamente. (COSTA, 2016, p.02).

A força de seus traços literários a tornou uma das mais conhecidas escritoras moçambicanas. Ousada e comprometida, buscou expressar por meio das letras, o silenciado universo feminino, testemunhado durante as várias etapas de transformação de seu país. Uma terra de costumes diversos, dentre eles a poligamia masculina, prática comum no país abordada em “Niketche”, na figura de Tony, marido de Ramir que mantém relacionamentos poligâmicos com outras quatro

mulheres, caracterizando um comportamento local comum que privilegia a masculinidade e inferioriza as mulheres.

Nesse contexto, através de sua narrativa, Paulina Chiziane nos diz:

A poligamia dá privilégios. Ter mordomia é coisa boa: uma mulher para cozinhar, outra para lavar os pés, uma para passear, outra para passar a noite. Ter reprodutoras de mão-de-obra, para as pastagens e gado, para os campos de cereais, para tudo, sem o menor esforço, pelos simples facto de ter nascido homem. (CHIZIANE, 2002, p.92).

Há conceitos culturais enraizados em meio aquele povo, ou seja, no dia a dia, supervalorizavam o masculino e seus atributos, reservando a mulher um lugar de quase ou nenhuma importância, de inferioridade, item de uso e descarte. Paulina, com base no que presenciou ao seu redor desde a infância até se consolidar como pioneira do romantismo em seu país escreveu a obra de ficção “Niketche – uma história de poligamia”, onde da protagonismo a mulher invisibilizada em virtude do patriarcado predominante em Moçambique.

É por meio da personagem Rami, crescida num ambiente cristão em busca de compreender sua própria cultura diante dos conflitos emergidos com seu cônjuge Tony, que despertaremos para a história de outras mulheres. Durante a narrativa, somos apresentados a Julieta, Luiza, Saly e Mauá, exemplos de jovens mulheres moçambicanas aprisionadas culturalmente e obedientes a um homem, mas que e em determinado momento serão influenciadas pelo desejo de emancipação e correrão em busca de firmar um lugar de fala diante da excludente sociedade a qual vivem. Realidade corroborada por Chiziane (2002, p. 91) ao relatar: “São assim os pais. Sempre educando os filhos para serem tiranos e as filhas para aceitarem a tirania segundo a ordem do universo.”

Paulina, descreve sua história de vida, semelhante à de outras mulheres, e em entrevista ao programa “4A páginas tantas” de Macau em 2013, disponível no youtube, disse ter sempre estado ao lado das mulheres mais velhas e amigas, pois não era permitido misturarem-se com o mundo do sexo oposto. A partir de então seu

---

<sup>4</sup> Canal TD Marcus 2009, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yYlWtJ7afJA>

foco esteve em discutir através da literatura a condição da mulher, não no feminismo tradicional europeu, mas contar histórias de mulheres porque são mulheres.

Ser mulher em Moçambique, como em outras partes do continente africano é desafio, resistência, é ousar contra costumes antigos, tradicionais, leis que punem a desobediência de acordo com o que os homens consideram ser correto. Paulina Chiziane, através da personagem Ramir afirma:

Mulher nenhuma tem lar nesta terra. Mulher é passageira, não merece terra. Mulher é palha de coco atirada na lixeira. Mulher é sua própria inimiga, inventa problemas que lhe dão a morte. Mulher é culpada, põe o universo de avesso, por isso pode morrer por causa de uma moela de galinha. (CHIZIANE, 2002, p.100).

Exemplo dessa realidade, a tia mais velha de Ramir é mostrada na narrativa como uma mulher num nível de submissão extremo ao marido. Em determinada passagem do romance é espancada e deixada à própria sorte por conta de uma moela de galinha. Mandada de volta sozinha à casa de seus pais caminhando pela noite escura perde a vida ao ser devorada por um leopardo.

No caso das relações poligâmicas, se o homem sentir-se abandonado devido à ausência de relações sexuais com sua esposa, esse pode procurar outra mulher para satisfazer-se sexualmente. Já em outras regiões de Moçambique a esposa pode ser fruto de partilha entre amigos e outros parentes.

## **A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA FEMININA NA SOCIEDADE MOÇAMBICANA COM BASE NAS REFLEXÕES DA PERSONAGEM RAMIR**

Podemos inferir que um dos pontos principais de Paulina Chiziane como escritora é revelar ao mundo sobre ser mulher, debate escondido por séculos através de discursos misóginos, machistas e preconceituosos. Nessa perspectiva, podemos sugerir ser a idealização de Rami, protagonista de “Niketche” fruto da necessidade de desconstruir a figura inferiorizada das mulheres moçambicanas.

Graças ao fluxo de consciência que eclode, a personagem é levada a questionar sua posição de esposa ao buscar um amor que um dia pensara ser

unicamente seu. É nesse trajeto, em compreender uma realidade quase incompreensível que se une as “rivais” num forte engajamento em busca da emancipação feminina e da valorização dos princípios da mulher como cidadã, filha, esposa e mãe. Como afirma Chiziane:

Dedicamos um tempo à comparação dos hábitos culturais de norte a sul. Falamos dos tabus da menstruação que impedem a mulher de aproximar-se da vida pública de norte a sul. Dos tabus do ovo, que não pode ser comido por mulheres, para não terem filhos carecas e não se comportarem como galinhas poedeiras na hora do parto. Dos mitos que aproximam as meninas do trabalho doméstico e afastam os homens do pilão, do fogo e da cozinha para não apanharem doenças sexuais, como esterilidade e impotência. Dos hábitos alimentares que obrigam as mulheres a servir aos maridos os melhores nacos de carne, ficando para elas os ossos, as patas, as asas e o pescoço. Que culpam as mulheres de todos os infortúnios da natureza. Quando não chove, a culpa é delas. Quando há cheias, a culpa é delas. Quando há pragas e doenças, a culpa é delas que sentaram no pilão, que abortaram às escondidas, que comeram o ovo e as moelas, que entraram nos campos nos momentos de impureza. (CHIZIANE, 2002, p.35 - 36).

Como se lê através do recorte acima, Rami percebe que nos extremos de seu país a mulher inexistente, a não ser para servir aos caprichos masculinos, além de ser motivo de desgosto ao pai. Nesse caso, pensar sua própria condição humana em um território marcadamente masculino poderia ser um prenúncio ou a própria condenação. Terras onde se justificam o machismo com afirmações como: “Se o seu marido a deixa, a senhora deve ser azeda, fria. Homem é homem, tem todo o direito de procurar em qualquer lugar o que em casa não há.” (CHIZIANE, 2002, p. 52).

Nessa condição Ramir assume o protagonismo feminino da história decidida a não mais baixar a cabeça diante do desprezo daquele homem que um dia o permitira ser seu dono. Tomada pela consciência de seu valor, sobretudo por ser mulher, estabelece sua retórica no direito ao pleno gozo de sua feminidade. Essa postura decisiva é descrita por Paulina Chiziane através do relato de Ramir que afirma: “Era uma esposa fiel que tornei-me adúltera — adúltera não, recorri apenas a um tipo de assistência conjugal, informal, tal como a poligamia desta casa é informal.” (CHIZIANE, 2002, p. 95).

A reciprocidade vista nos atos que compõe a trajetória narrativa de “Niketché” permite-nos perceber as ações gerando reações. Ou seja, toda a prática

poligâmica de Tony despertando em suas cinco esposas o sentimento de liberdade, e isso se consolida com a independência financeira, posição econômica importante na emancipação dessas mulheres.

## **QUAL O PAPEL DA LITERATURA FEMININA DE PAULINA CHIZIANE NA VALORIZAÇÃO DA MULHER E NA FORMAÇÃO DE UMA NOVA CONSCIÊNCIA EM MOÇAMBIQUE?**

Através da literatura, a voz feminina silenciada pôde ser ouvida e mesmo num ambiente hostil, as mulheres ousaram desafiar o universo masculino em busca de espaço e direitos, os quais não lhes eram comuns. Para Jocy Carvalho dos Santos: “No romance Niketche – uma história de poligamia percebe-se que a mulher tem um valor ínfimo [...]” (SANTOS, 2015, p.36). E para a desconstrução dessa imagem inferiorizada das moçambicanas, as narrativas se muniram de fatos reais, como exemplo, a trajetória da personagem Rami, e seu “[...] papel fundamental no romance de Paulina Chiziane: dar voz a essas pessoas marginalizadas.” (SANTOS, 2015, p. 36). Ou seja, mulheres e suas perspectivas, anseios, vontades e desejos, e todos os outros sentimentos reprimidos.

Os romances, poesias e demais obras literárias surgidas no período pré-independência e seguiram de acordo com os rumos de cada país tiveram relevância ao destacar os países africanos e suas riquezas, fossem naturais, materiais e culturais, porém através da visão majoritária masculina. O pouco espaço dado às mulheres era rodeado por desconfiança. Paulina, por exemplo, afirmou em 2018, ao canal no youtube “<sup>5</sup>Por dentro da África”, que no começo de sua carreira atiraram-lhe pedras, e exigiam-lhe explicações de tudo pelo simples fato de ser negra e mulher, pois havia o espanto de todos por ela fazer coisas tão diversificadas e ousadas, caso contrário, se fosse homem nada disso ocorreria.

As reflexões contidas nas obras de ficção de Chiziane são retratos do contexto real que se firma como ferramenta aliada contra a realidade opressora, além de traduzirem o olhar sensível da autora à causa feminina, exatamente por ser

---

<sup>5</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_upOGNEbIdI&t=7s](https://www.youtube.com/watch?v=_upOGNEbIdI&t=7s)

mulher, negra, corajosa e fiel a essa luta. É notória sua prerrogativa em fortalecer a participação de outras mulheres na sociedade, como cidadãs que pensam, participam da vida política local, sugerem ideias, são independentes e se autovalorizam, mesmo diante das normativas da masculinidade.

Um dos desafios de ser mulher em Moçambique é ser exatamente mulher. Crescer numa sociedade patriarcal que tipifica a feminilidade com base em conceitos e tradições antigas é quase um passe à condenação aos calabouços do esquecimento. Paulina é um exemplo de superação, assim como outros nomes da literatura que se destacaram por desafiar o machismo como o propósito de libertar outras mulheres da tirania.

“Niketche – uma história de poligamia” é o exemplo de narrativa feminina que se constrói com base em sentimentos e indagações de mulheres comuns. É uma literatura que expira liberdade, raiva, fogo e existência, assemelhando-se nas palavras de Paulina Chiziane a um rio, pois, “[...] os rios contornam todos os obstáculos. Quero libertara raiva de todos os anos de silêncio. Quero explodir com o vento e trazer de volta o fogo para o meu leito, hoje quero existir.” (CHIZIANE, 2002, p. 19).

As obras literárias genuinamente africanas que ascenderam durante os processos de independência trouxeram no âmbito do universo feminino, discussões que nunca antes foram abordados e seguramente não seriam se a consciência feminina não tivesse tomado forma. É nesse pressuposto que Paulina Chiziane escreve sobre mulheres, para que reflitam a própria existência e não tenham medo de questionar seu lugar no mundo. Leva-nos ainda a seguinte reflexão:

Se podemos ser trocadas, vendidas, torturadas, mortas, escravizadas, encurraladas em haréns como gado, é porque não fazemos falta nenhuma. Mas se não fazemos falta nenhuma, por que é que Deus nos colocou no mundo? E esse Deus, se existe, por que nos deixa sofrer assim? O pior de tudo é que Deus parece não ter mulher nenhuma. Se ele fosse casado, a deusa — sua esposa — intercederia por nós. Através dela pediríamos a bênção de uma vida de harmonia. Mas a deusa deve existir, penso. Deve ser tão invisível como todas nós. O seu espaço é, de certeza, a cozinha celestial. (CHIZIANE, 2002, p.68).

O fluxo de consciência de Rami a personagem, observado no trecho transcrito, narra uma atmosfera desfavorável a mulher, numa tentativa de se abrir discussões sobre as razões desse desfavorecimento. São questionamentos legítimos que buscam elevar o nível de engajamento na causa feminina pleiteando num futuro, direitos igualitários entre homens e mulheres.

A literatura de Paulina cria contornos em pensamentos e expressões que descortinam a tese da mulher subjugada, dominada e servil. São histórias inundadas de indagações e reflexões levantadas por mulheres cansadas de serem nada, dispostas a serem tudo. Questionamentos legítimos, como por exemplo:

O mundo acha que as mulheres são interesseiras. E os homens não são? Todo o homem exige da mulher um atributo fundamental: beleza. As mulheres exigem dos homens outro atributo: dinheiro. Qual é a diferença? Só os homens podem exigir e as mulheres não? (CHIZIANE, p.67. 2002)

Como se percebe, “Niketche – uma história de poligamia” é um núcleo de ideias que se portam como ferramentas contra conceitos interiorizados sobre a manutenção do retrato da mulher semelhante a um objeto, do qual o homem crer que tenha posse. No contexto geral a literatura feminina se põe como instrumento de denúncia contra culturas e tradições patriarcais que reprimem as mulheres, do regime de colonização que se estabeleceu em muitos países africanos em destaque o território moçambicano, bem como as incertezas que vieram na pós-independência. E é através dessa literatura genuinamente feminina que emerge a mulher, figura indispensável na construção da identidade do país promovendo a valorização feminina e sua incursão num projeto de nação democrática.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Numa compreensão geral, podemos concluir que, obras como “Niketche – uma história de poligamia”, nos apresentam uma moçambicanidade constituída de muros invisíveis, dividindo homens e mulheres, com privilégios para um e coisificação para outro. Nessa estrutura narrativa podemos compreender através das falas e posicionamentos de Ramir, os sentimentos de mulheres subjugadas por

serem mulheres, até mesmo no âmbito familiar. São personagens fictícias inspiradas na realidade e que trasbordam através das letras, não somente as angustias de não serem ouvidas, mas seus sonhos e desejos ainda vivos.

Ao analisarmos a obra “Niketche” foi possível embarcarmos numa experiência única por entrelinhas de uma obra assinada por Paulina Chiziane, e sua experiência no realismo social de uma terra dominada por costumes e tradições que enaltecem a imagem do homem. Isso nos proporcionou entender um núcleo social complexo partindo de uma mulher, sobre outras mulheres com a finalidade de levar a reflexão para fora dos campos literários na constituição de uma nação menos desigual.

Diante do que foi exposto, podemos sugerir serem os escritos de Chiziane, mais que obras da literatura moçambicana, são relatos vivos para que o universo feminino não seja negligenciado, e sirvam de exemplo para uma luta diária rumo à valorização da feminidade. Paulina, mais que uma grande escritora reconhecida internacionalmente, é, sobretudo tudo uma mulher, negra, moçambicana, africana, intelectual e amante dos escritos, arma para abrir caminhos desconhecidos para outras mulheres, serem grandes mulheres.

## REFERÊNCIAS

CHIZIANE, Paulina. **Eu, mulher... Por uma nova visão do mundo**. Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, Vol. 5, n° 10, Abril de 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaabril/article/view/29695/17236> Acesso em: 13 jan. 2022.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche – uma história de poligamia**. Lisboa: Editorial Caminho, AS, 2002. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2945722/mod\\_resource/content/1/CHIZIANE-Paulina-Niketche-Uma-historia-de-poligamia.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2945722/mod_resource/content/1/CHIZIANE-Paulina-Niketche-Uma-historia-de-poligamia.pdf) Acesso em: 20 jan. 2021.

COSTA, Eliane. **Paulina Chiziane e as águas míticas do feminino**. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/view/465/365> Acesso em: 26 Nov. 2021.

Paulina Chiziane A páginas tantas (Marco Carvalho). 2013. 1 vídeo (33:31 min). Publicado pelo canal TD Marcus 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yYlwTj7afJA> Acesso em: 20 nov. 2021.

Paulina Chiziane: "O mundo da mulher ficou muito escondido. É preciso falar mais sobre o que somos". 2018. 1 vídeo (3:53 min). Publicado pelo canal Por dentro da África. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_upOGNEbldI&t=7s](https://www.youtube.com/watch?v=_upOGNEbldI&t=7s)  
Acesso em: 21 nov. 2021.

SANTOS, Joicy Carvalho dos. **Escritas sobre a condição feminina: Uma análise do romance Niketche, de Paulina Chiziane**. PUC/ RS. 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/view/22478>  
Acesso em 17 nov. 2021.